

SOBRE O DISCIPULADO E A FORMAÇÃO EM CONTEXTO INDÍGENA

Ismael Conchacala Gil



Dedico este libro

Aos nossos povos indígenas em geral, que me permitiram dialogar sobre assuntos que são sussurrados, contornados ou omitidos em alguns espaços.

Aos meus amigos e amigas, irmãos e irmãs da Serra Nevada de Santa Marta, Gonawindua (kogui, wiwa e arhuaco), às comunidades indígenas de fé cristã na Colômbia, porque, desde que tenho memória, fizeram-me sentir diferente e, ao mesmo tempo, semelhante.

Dedico este trabalho a eles, os valentes que sempre buscam dialogar sobre as diferenças culturais e espirituais, procurando manter seu legado espiritual e a comunhão com todos. Às minhas filhas, Alen, Nuisa, Enit, e à minha companheira Karol, que realiza outra parte do trabalho para que pequenos frutos como este possam brotar.

À Memória Indígena e à RELIEC (Rede de Líderes Indígenas Evangélicos da Colômbia), onde servi por mais de dez anos caminhando pelos territórios, sonhando, aprendendo juntos e desaprendendo ao longo do caminho. A Deus, doador da vida, por nos dar sabedoria e por me ensinar a viver com os outros.

Shka nezhinguaka awankaru, ruamaka
unkunguanun nushi, zhimashe awunkurashka
kima zume unkukuaguma nekura. Ime
nunka bimaruk yunka ashaya guashishun,
kunzhunukun, nanuwenru nawinzhe guama
kuuyaye nekunukun nunka, unangua
nukuawinka mekin zhugunte awunuka.
Aku zhintshiki anukua awunkurashka
kima guama zhiguiya awunkura, nemdziru
imaru anukuegangui umba go auga
zhiguarun. (Damana)

Nós, que fomos chamados de shka (pessoas,
gente, humanos), pensamos em nós mesmos,
primeiramente, em espírito; depois entramos
em diálogo para coabitar. Quem procura
impor a sua voz silenciando o outro e não se
atreve a escutar simplesmente, rompe com
os valores da sua cultura e, da mesma forma,
condena as suas palavras, deixando-as sem
fruto. Quando nos escutamos de igual para
igual, ali revivemos nossos princípios, e esse
pensamento nos conduziu à permanência
como povo; colocar este texto por escrito
significa um convite para nos escutarmos.

Sumário

Introdução, 11

Bem-vindo e bem-vinda à Serra, 19

A Casa Wiwa, 27

O tear como alternativa
de crescimento espiritual, 33

Novos conhecimentos e relações de poder
baseadas no estatuto econômico, 39

Crescimento espiritual na Igreja formal, 45

Kunogua, 57

Estudantes de Teologia da Antorcha, 83

Conclusão, 105

Introdução

Muitas práticas ancestrais da Serra Nevada de Santa Marta estão sendo relegadas ao esquecimento, não necessariamente por escolha, mas pelo surgimento de novas situações religiosas que se entrelaçam com o passar do tempo. Podemos dizer que a ampliação do território implicou recuperar espaços na parte baixa, o que significa voltar a habitar zonas já urbanizadas, como Pueblo Bello, como é o caso dos *ijkun*, também conhecidos como Arhuaco, um dos povos indígenas da Serra. Eles têm maior representatividade no nível cultural e político, ao mesmo tempo que crescem diversas correntes do cristianismo entre eles. Este povo tem reivindicado, de diversas formas, a sua permanência, território e identidade. Repensar constantemente sobre estes temas implica expandir cada vez mais a visão de ser arhuaco para não deixar ninguém de fora dentro do território.

No contexto da Serra, os cristãos são continuamente rotulados como um movimento que surge contrário aos preceitos

ancestrais e que coloca em risco o pensamento indígena. Nessa tensão, coexiste uma tolerância dissimulada em ambas as partes, uma vez que os conflitos causados pelas diferentes crenças procuram ser resolvidos sem grande alarde. Os objetivos frustrados de muitos, com ideias de eliminação dos cristãos na Serra, acabam colocando em questão as práticas convencionais, e a realidade exige novos cenários de diálogo onde nem o cristão indígena e nem a autoridade ancestral se sintam agredidos. Mas, acima de tudo, qual será o caminho da nossa formação a partir da espiritualidade nessa transformação social, cultural e espiritual? O desafio é construir caminhos para um novo cenário, no qual não se busque necessariamente eliminar e criar comunidades, mas sim reconhecer as que já existem. Esse processo tem como base repensar os fundamentos religiosos e reinterpretá-los para, então, abrir caminho para uma formação em assuntos espirituais a partir de uma visão mais ampla. Ou seja, o discipulado que segue de um lado e de outro.

Em termos de convivência, mesmo com pouca compreensão da interculturalidade, as tensões são abundantes, pois não a entendemos da mesma forma, talvez porque o próprio conceito nos é estranho. No entanto, em Pueblo Bello, é evidente o contraste entre os arhuacos e os camponeses comerciantes

e alguns não indígenas ricos que constroem seu lazer neste lugar. Nos últimos anos, mais arhuacos regressaram para habitar a zona urbana, dando um toque bastante notável de diversidade cultural à vila. Há uma aceitação parcial dos colonos, pois é evidente como o comércio se alimenta da mão de obra dos arhuacos. Muitos moradores locais viram nisso também a oportunidade de gerar consumo cultural, apagando um pouco o sentido espiritual dos usos e costumes; por exemplo, a produção de roupas brancas, mochilas, novelos de fios para tecer, e até mesmo a venda de bebidas alcoólicas, intensificada principalmente nos fins de semana.

Culturalmente, determinadas práticas e costumes são reconhecidos como próprios dos indígenas serranos. Contudo, conceitos, palavras, ferramentas e elementos antes desconhecidos pelos nossos antepassados começam, pouco a pouco, a integrar-se nessas comunidades, muitas vezes por necessidade de apropriação ou consumo. Surge então a pergunta: o que realmente nos pertence e o que é estranho? Aquilo que é diferente deixa de ser de outro quando passa a suprir uma necessidade diária? Estas e outras questões tornam o debate sobre a fé particularmente interessante. Segundo a família que acompanhei durante uma semana, é difícil abrir mão da própria

cultura; contudo, muitos acabam por apenas agir, simular e repetir discursos baseados em ideias abstratas, enquanto o verdadeiro "ser" se expressa e se revela desde dentro, como um ato de preservação da intimidade — o que inevitavelmente entrelaça o dia a dia com a dimensão espiritual. Sob a ótica cristã, a analogia dos frutos encaixa-se perfeitamente: não é possível dar frutos diferentes a menos que corresponda aos frutos produzidos. É importante notar que muitos indígenas manifestam a sua identidade apenas através do fazer e da repetição.

Então, qual é o caminho para não deixarmos de ser e nos expressarmos com espontaneidade, sem disfarçar quem somos, mostrando o tecido da nossa vida? Vivemos num ambiente onde somos oprimidos por projetos, iniciativas, o valor de fazer e fazer para ter ou dar resultados. Rapidamente reprimimos as nossas próprias noções e modos de viver a vida, que não têm qualquer preocupação com o lucro. Pensamos que o tema espiritual está sujeito ao tempo, aos prazeres da carne, às palavras instantâneas e que a vida indígena muitas vezes não precisa do pensamento. Esta é uma forma de ser muito particular de nós, os serranos, o agir a partir do pensamento, formamo-nos a partir dessa prática e a partir dos mais velhos, com histórias que encerram um reflexo da nossa

realidade. Um exemplo claro disso é quando o MAMO¹ nos dá a opção de reparar a vida, mas cada pessoa tem as suas capacidades a partir do seu pensamento. Muitas delas, não gostam de recorrer aos MAMOS e as SAGAS. Para muitas pessoas, o MAMO te manda meditar, te aconselha e isso não as satisfaz, pois querem ver magia, algo sobrenatural. O mesmo acontece em muitas igrejas evangélicas, onde a palavra construída a partir da sabedoria e meditada se torna irrelevante, pois só procuram ver milagres. Assim, outros irmãos não indígenas não têm aproveitado a sua posição cristã para ensinar e proclamar o evangelho, mas a usam como meio para falar mal dos indígenas, dos seus MAMOS e SAGAS, o que faz com que muitos indígenas evangélicos acabem por replicar uma linguagem carregada de violência contra o seu próprio povo, avós e avôs.

Este texto surgiu de uma longa amizade cultivada com alguns arhuacos, através de encontros, visitas e amizades longe da ideia de hierarquia. Foi produzido com um pé como investigador e outro como aprendiz, sem deixar de cumprir o protocolo de

1 MAMO (sol) é a pessoa responsável por questões espirituais, orienta as pessoas, ajuda nos processos de cura, é curandeiro e mantém a harmonia entre o físico e o espiritual, entre as pessoas e os espíritos, as pessoas e a natureza. A SAGA (lua) desempenha a mesma função.

visitante, hóspede, adotando a metodologia do “*zhimashai*”, ou seja, “conversando” de forma circular, sendo colocado por escrito algumas palavras entrelaçadas com os amigos e amigas, permitindo-me honrar a sua vida e sabedoria desta forma. Certamente, não se capta toda a profundidade das palavras, quando escrevemos em uma língua diferente da nossa, mas não deixa de ser um esforço que permite ampliar a nossa forma de pensar e viver, o que é profundamente espiritual.

Aqui estão reunidas anotações, transcrições de notas de áudio e conversas que trazem à memória, para refletir um pouco sobre o tema do discipulado e da formação espiritual no contexto dos cristãos arhuacos e, finalmente, a conversa que tive com Julián e sua esposa Patricia, que compartilham comigo a autodeterminação Wiwa como um direito legítimo, sem esperar que ninguém as conceda, simplesmente como diz meu amigo arhuaco “nós somos”.



Bem-vindo e bem-vinda à Serra

Na Serra, nenhum indígena diz ao outro “Bem-vindo” quando quer ser simpático. Ao chegar, o visitante arhuaco diz simplesmente algo como “*Azi me 'zari jui me 'nayaho*”, que significa “Como foi o seu dia?”. Outra forma de saudação é “*Azi me 'zari nukinkumukwe*”, que significa “Como você chegou?”, acompanhada da troca de coca entre os homens, enquanto as mulheres são cumprimentadas com estas palavras. Em seguida, reservam um tempo para conversar entre duas ou mais partes, para retomar conversas desde a última vez que se viram. Não se trata de contar cronologicamente cada atividade realizada, mas sim de uma forma de expressar as preocupações sobre a vida, as tarefas realizadas, algum projeto frustrado e perguntas que surgem como de um aprendiz da vida. A outra pessoa não só faz o mesmo, mas também procura responder ou complexificar as perguntas. No final, ambos concluem o que aprenderam e as coisas que devem mudar.